

O Diabo

SUMÁRIO DO N.º 301

Entrevistando Mestre Viana da Mota, por Fernando Lopes Graça; No sexto aniversário de O Diabo: Analfabetismo, por Homem Cristo; Antero, Eça, Ramalho—e as novas ideias sobre a arte e a literatura, de Rodrigo Soares; Korajn Gratuloin, por Saldanha Carreira; Evolução económico-social da nação portuguesa, por António Sérgio; O meu pensar de sempre, por Manuel Maria Coelho; Significação do passado, por Joaquim Namorado; Crónica, por Alves Redol; As responsabilidades da Agronomia portuguesa, por Azevedo Gomes; Lunafsu, no meio do lago, por Ferreira de Castro; Humanismo e humanidades, por Bento Jesus Caraça; Coisas de O Diabo: etc., etc.

Humanismo e humanidades

por Bento Jesus Caraça

a J. R. M.

COISAS de O Diabo

Tenha orgulho na França

Ouvimos a uma senhora francesa que há algum tempo reside em Portugal, leitora do «Temps» e do «Match» a seguinte frase a respeito dos últimos acontecimentos internacionais:

«J'ai honte de la France».

Não, minha senhora, não tenha vergonha da França. A França não é responsável pelos fracassos ou tristes atitudes dos seus dirigentes. A França é o seu povo. E a esse não o chamaram para que emitisse o seu parecer. Não se envergonhe da França, porque o povo da França continua a ser, apesar dos reveses que lhe infligiram, o mesmo povo laborioso e de espírito democrático, inteligente e humano, artista e criador. Porque a França erger-se-á da derrota. Tenha confiança na França, tenha orgulho na França, minha senhora.

Os homens da paz

Um jornalista francês apontava como possíveis medianeiros de uma possível paz entre a Inglaterra e a Alemanha o general Franco, o presidente Roosevelt e Sua Santidade Pio XII.

É significativa esta ideia do jornalista francês. Possivelmente por decôr patriótico esqueceu um nome—o de Sua Excelência Albert Lebrun, presidente da República Francesa.

Palavras, palavras

Winston Churchill no seu último discurso desautorizou o governo francês de Pétain, Weygand, Laval e Marquet.

O general De Gaulle nas suas alocações desautoriza os governantes de França. Os governantes de França em declarações oficiais desautorizam o general De Gaulle.

O marechal Pétain atacou recentemente a Inglaterra pelo pouco auxílio prestado à França invadida.

Palavras, palavras...

A paz separada é o facto que tudo domina. A demissão militar da França, a falência de uma cenefa dos seus políticos, a ante-cena de Compiègne, o fim de cena de Roma—eis as realidades de hoje.

Paraquedistas

De quando em quando a revista «Seara Nova», com o «bom humor» que trata os mais sérios e os menos sérios assuntos, refere-se a estranhas aventuras de paraquedistas em casa de «O Diabo».

Cumpra esclarecer. Em «O Diabo» os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores. A colaboração não assinada é da inteira responsabilidade da redacção. Tranquilize-se portanto a «Seara Nova». Não há por aqui estranhas aventuras de paraquedistas. De resto parece-nos extraordinariamente pitoresco que haja quem veja nas altitudes dos outros, secretas manobras de terceiros.

Cada época tem os seus problemas particulares, eis uma afirmação banal, aceite e reconhecida por todos. No entanto, se pensarmos bem, vemos que ela não é inteiramente verdadeira ou, pelo menos, não é completa. Se é certo que há problemas peculiares a cada época, não é menos verdade que existem outros, mais importantes e mais profundos, que se põem aos homens em todos os períodos históricos, pelo menos naqueles a respeito dos quais, por melhor conhecidos, nos é permitido fazer afirmações.

Em relação a esses problemas basilares, o que é particular a cada época é o modo de os abordar e, conseqüentemente, a solução parcelar que nela lhes é dada. À primeira afirmação substituiremos portanto esta outra—cada época tem os seus métodos particulares de resolver os grandes problemas postos aos homens.

Que nós tenhamos vindo ao mundo numa altura em que nos é dado assistir à actuação em cheio, do método de resolução à 1940, é a nossa tragédia e o nosso privilégio. Privilégio que só não será merecido se soubermos aproveitar a grandeza da tragédia para, através dela, arrancarmos ao abismo de dor em que mergulhamos alguma coisa de novo e de melhor.

Destacaremos, neste pequeno estudo, um desses problemas basilares. Mais que um problema, é um motivo central à volta do qual se reúnem e hierarquizam outros—o problema da situação e valor do homem em face do mundo e dos outros homens, o problema do humanismo (1).

Há nele um elemento permanente e transitório.

Elemento permanente—defeza e valorização do homem pelo fortalecimento das suas qualidades e desenvolvimento ao máximo das suas forças criadoras, de modo a que o homem possa realizar, em toda a plenitude, a sua missão na vida.

Elemento transitório—determinação da natureza dessa missão e, como conseqüência, dos métodos pelos quais há de ser conseguida a valorização a que o elemento permanente diz respeito. Ao primeiro aspecto chamamos permanente porque o anseio que ele reflecte se encontra em todas as épocas, em todas as escolas, em todos os movimentos filosóficos ou religiosos. O que varia de época para época, de escola para escola, de movimento para movimento, é o transitório—a apreciação sobre a natureza da missão e a procura do método que a há de possibilitar.

De modo que, no fundo, é o transitório, o contingente, que domina o permanente na resolução partitular que cada escola empreende.

Da definição dada resulta imediatamente a existência de várias formas de humanismo, separando-se umas das outras apenas por aquilo a que acima chamamos transitório, mas, nem por isso, menos distintas, pode mesmo dizer-se menos agudamente opostas na sua essência.

Destinguiremos, em primeiro lugar, duas grandes formas:

a) Um humanismo do homem pelo homem no qual se entende que nele, como ser individual, reside o valor supremo da sociedade humana: que a realização integral do homem há de ser conseguida através, e só através, do próprio homem, como ser individual: que toda a acção da sociedade sobre o indivíduo só pode significar, em última análise, um atentado à sua liberdade, uma diminuição de potencialidade.

Um humanismo do homem pelo grupo no qual se pretende, ao contrário, que a realização total do homem só pode conseguir-se através da sua comunhão com a sociedade em todo o complexo da sua organização: no qual o termo liberdade é animado de um significado diferente, que faz que a integração do indivíduo no grupo e conseqüente participação na sua luta, longe de significar uma mutilação do homem, representa uma exaltação, a única via de realização dos fins humanos na terra.

O humanismo do homem pelo homem apresenta aspectos diferentes conforme a natureza da missão que se entende dever ser desempenhada pelo homem. Realização integral do indivíduo, ícom que fim? Qual o tipo ideal de homem a que tender e a que grupo de qualidades potenciais fazer apelo para atingir esse tipo ideal?

Entende-se que a missão do homem neste mundo é puramente transitória, que os seus verdadeiros fins são supra-terrenos, que, por conseqüência, a sua missão aqui deve limitar-se a uma preparação moral, uma tentativa de comunicação com o absoluto cuja plenitude só após a morte será compreendida e atingida?—tem-se um humanismo místico-religioso (com várias variantes possíveis) de que o humanismo cristão é um tipo definido.

Entende-se que a missão do homem está ligada à terra, que é necessário compreender a Natureza nas suas manifestações sensíveis e na legalidade das suas conexões íntimas, aceita-se o primado das qualidades racionais do homem e tende-se para um fim ideal de intelecção?—tem-se um humanismo laico, racionalista, de que o humanismo setecentista oferece um tipo histórico caracterizado.

Evidentemente, refiro-me aqui às formas mais pronunciadas que o humanismo do homem pelo homem pode revestir: entre elas as nuances e as dependências são possíveis, tantas quantos os juízos a priori sobre o tipo humano desejado. Por outro lado, o laicismo e o racionalismo não são qualidades exclusivas do humanismo do

homem pelo homem; o humanismo do homem pelo grupo possui-as como condições necessárias (mas não suficientes) de realização da sua tese.

De resto, nunca uma forma de humanismo se desenvolve por si própria; a oposição a outra dá-lhe o impulso inicial e fornece-lhe a matriz de formação e desenvolvimento. O humanismo cristão, por exemplo, formou-se nos meios da derrocada do mundo antigo e afirmou-se pela negação da dignidade da vida num meio em total estado de decomposição.

Dum modo geral, pode afirmar-se que:

1.º—Toda a forma de humanismo vale tanto pelo que é como por aquilo contra que é.

2.º—Uma forma de humanismo só pode bem compreender-se e julgar-se após a determinação e estudo do seu contexto histórico-social, isto é, do ambiente em que nasceu, da concepção material e intelectual da vida contra que nasceu.

O humanismo renascentista toma as suas primeiras formas ao alvorecer da época moderna, actuada, económica e socialmente, por uma classe em ascensão— a burguesia. Daí o seu anseio de libertação do homem dos grilhões morais e intelectuais que o prendem, daí o seu individualismo e, à medida que o homem se afirma e toma consciência do seu poder interactuante com a natureza, o seu racionalismo, o seu laicismo.

O humanismo que acima designei por do homem pelo grupo surge, mais recentemente, num mundo economicamente arruinado e socialmente desequilibrado pela multidão de contradições íntimas que o dilaceram. Daí as suas afirmações fundamentais, acima fixadas, a sua conexão ao exagêro do individualismo ilimitado que traz sempre como conseqüência a privação de individualidade para o maior número, o seu apelo ao colectivo como agente regenerador da sociedade, cadinho de purificação de velhos valores e fonte de novas razões de viver.

E não se julgue que, nestas frases se contém meras afirmações verbais, formuladas de ânimo leve e irresponsável. Há sete anos tive ocasião de escrever, num

pequeno ensaio (2), estas palavras: «O que estamos actualmente vivendo e sofrendo não é apenas uma borbulhagem fugaz, destinada a passar como tantas coisas passam, sem deixar sinal; é, muito pelo contrário, uma época de transição, uma ponte de passagem entre aquilo que desaparece e o que vai surgir». E mais adiante: «Agora, é toda a humanidade que é chamada a resolver o seu próprio problema, está tudo em causa, há que refazer tudo, e por isso o nosso tempo é o mais perturbado e inquieto de todos os tempos que o homem tem vivido. A ocasião é única também para realizar finalmente um grande passo nessa síntese grandiosa do indivíduo e da colectividade». À quem julgasse ver nestas palavras simples afirmações verbais, sem fundamento real, talvez estes dois meses, Maio e Junho de 1940, tenham trazido alguns ensinamentos.

É para essa «síntese grandiosa», a que então me referia, que tende o humanismo a que chamo do homem pelo grupo. Ela realizar-se-á; e quando terminar esta descida aos infernos a que assistimos, quando estiver acabada a tarefa de insêria dos destruidores de hoje, surgirão os homens novos a construir, sobre que ruínas, o mundo diferente que palpita no seu ideal humanístico e há de ser uma passagem a um estado superior de civilização.

(1) Não é tão largo o sentido em que o termo «humanismo» é habitualmente empregado. Por exemplo, a Enciclopédia Britânica define-o assim: «Em geral, todo o sistema de pensamento ou acção que dá um papel predominante às questões humanas, comparadas com o sobrenatural e o abstracto. O termo é aplicado especialmente àquele movimento de pensamento que surgiu na Europa do século XV contra as tradições medievais da teologia e filosofia escolásticas e se devotou à redescoberta e estudo directo dos clássicos antigos. Este movimento foi, essencialmente, uma revolta contra a autoridade intelectual, especialmente teológica, e é o pai de todos os modernos desenvolvimentos intelectuais, científicos ou sociais».

O significado com que o termo é aqui usado é mais geral e abrange este como caso particular.

Ultimamente, o mesmo termo tem sido utilizado noutros sentidos particulares (v. por ex. A. Lalande, vocabulário filosófico, vol. I e III).

(2) A cultura integral do indivíduo, problema central do nosso tempo. Ed. da «Seara Nova».

ANALFABETISMO

—Continuação da página um—

lendo, observa Vitor Cambon com muita razão e critério. Mas na Alemanha vêem-se jornais e livros nas mãos e habitações de todos os alemães, seja qual for a sua condição.

No dia do acordar, os alemães não esqueceram que eram sábios e foi à ciência que pediram os elementos e os processos do seu desenvolvimento. A formação eminentemente científica é a característica da Alemanha actual...

Para os alemães, a instrução é a base de tudo, e não hesitam em fazer remontar aos seus grandes sábios Humboldt, Liebig, Hoffman, Thaer, Bunsen, etc., a genesis do seu progresso...

Todos, na Alemanha, o governo como os particulares, compreendem que a instrução, não só a geral mas também a profissional, é tanto mais indispensável, quanto o alemão é menos apto, por temperamento, a exercer um ofício sem o ter aprendido.

Na Inglaterra só em 1902, ontem, por assim dizer, se tomou a sério o ensino popular, como todo o ensino em geral.

Como tudo quanto se faz na Inglaterra quando ela o toma a sério fazê-lo, a reforma foi radicalíssima. Tornou o ensino obrigatório, dando-se às crianças indigentes tudo quanto era necessário para que essa obrigação se pudesse cumprir, isto é, vestindo-as, calçando-as, alimentando-as e tratamento médico, livros etc. Isto melhorou a raça extraordinariamente. Num opúsculo distribuído pelo Instituto Britânico de Lisboa lê-se:

«Uma ampla organização médica trata das crianças que atingiram a idade escolar. Esta organização visa a colocar a criança num ambiente sadio, acompanhando o seu desenvolvimento de modo a protegê-la contra a doença, e vigiando a sua alimentação de tal maneira que ela possa tirar o máximo proveito tanto da sua educação física como da sua educação mental. Que ela foi bem sucedida prova-o o aumento observado nas alturas e pesos médios durante os últimos vinte anos. Assim, em Sheffield, no ano de 1938, os rapazes de cinco anos eram em média perto de cinco centímetros mais altos e 1^{kg}.350 gramas mais pesados, e os rapazes de doze anos mostravam um au-

mento de mais de cinco centímetros na altura e de 4.400 gramas no peso do que em 1920. Muitas das crianças recebem na escola leite e refeições sólidas, ou gratuitas, ou a preços em relação com as possibilidades dos pais.

Para tratar de doenças específicas, existe também legislação geral. O Acto do Cancro de 1939 criou um serviço que abrange todo o país, dispõe de institutos modernos de radiologia e centros de consulta e diagnose. As autoridades regionais têm também a seu cargo o combate à tuberculose, doença que mostra sinais de rápido declínio na Grã-Bretanha. Entre 1933 e 1937, o índice de mortalidade devido à tuberculose diminuiu com rapidez, especialmente entre os novos; a mortalidade masculina, dos 15 aos 25 anos, desceu em 28%; a feminina em 18%. O progresso deve-se em parte à melhoria verificada na qualidade das habitações construídas desde o fim da última guerra».

E o mesmo sucede na Suécia, na Noruega, na Finlândia, na Suíça, etc. Nações grandes e pequenas resolveram todas o magno problema.

HOMEM CRISTO